

UNILEÃO  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

PEDRO VICTOR DIAS DE MORAIS

**CONVERGÊNCIAS EPISTEMOLÓGICAS ENTRE PSICANÁLISE E SEMIÓTICA:**  
Sistemas, signos e cibernética

JUAZEIRO DO NORTE - CE  
2025

PEDRO VICTOR DIAS DE MORAIS

**CONVERGÊNCIAS EPISTEMOLÓGICAS ENTRE PSICANÁLISE E SEMIÓTICA:**  
Sistemas, signos e cibernética

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

**Orientador:** Prof. Dr. Raul Max Lucas da Costa

PEDRO VICTOR DIAS DE MORAIS

**CONVERGÊNCIAS EPISTEMOLÓGICAS ENTRE PSICANÁLISE E SEMIÓTICA:**  
Sistemas, signos e cibernética

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 02/12/2025

**BANCA EXAMINADORA**

Orientador: Prof. Dr. Raul Max Lucas da Costa

Membro: Profa. Me. Débora Guimarães da Rocha Brito / SEDUC

Membro: Prof. Dr. Francisco Francinete Leite Junior / UNILEÃO

JUAZEIRO DO NORTE - CE  
2025

# CONVERGÊNCIAS EPISTEMOLÓGICAS ENTRE PSICANÁLISE E SEMIÓTICA: Sistemas, signos e cibernética

Pedro Victor Dias de Morais<sup>1</sup>  
Raul Max Lucas da Costa<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as convergências epistemológicas entre a Psicanálise Lacaniana e a Semiótica, mediadas pelos aportes da Teoria Geral dos Sistemas e da Cibernética, investigando a construção de sentidos e a dinâmica dos sistemas simbólicos. A metodologia adotada consiste em uma revisão bibliográfica crítica de abordagem hermenêutica, articulando obras fundamentais de Freud e Lacan com teorias linguísticas de Saussure e Jakobson, a semiótica de Peirce e conceitos cibernéticos de autores como Wiener, Bertalanffy e Latour. Os resultados demonstram que a estruturação do inconsciente como linguagem permite uma leitura sistêmica da subjetividade, na qual o aparelho psíquico opera através de mecanismos de *feedback* e busca de homeostase. A pesquisa identifica uma homologia estrutural entre o funcionamento do inconsciente e a Ciência da Caixa Preta, onde a lógica interna é inferida funcionalmente através de *inputs* e *outputs*. Conclui-se que a integração transdisciplinar entre esses campos oferece um modelo robusto para a compreensão da subjetividade contemporânea, validando a aplicação de conceitos psicanalíticos na análise de fenômenos digitais e algorítmicos, reafirmando o sujeito como um sistema autopoiético constituído na e pela linguagem.

**Palavras-chave:** Psicanálise; Semiótica; Teoria dos Sistemas; Cibernética; Linguagem.

---

<sup>1</sup>Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: pedrovictordm@gmail.com

<sup>2</sup>Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: raulmax@leaosampaio.edu.br

## 1 INTRODUÇÃO

A teoria lacaniana é marcada por reinterpretar Freud à luz do estruturalismo<sup>3</sup>, movimento esse que influenciou as ciências humanas, principalmente na França do século XX. Lacan (1998) afirma que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, apropriando-se da distinção saussuriana entre significante e significado, porém invertendo sua primazia: para ele, o significante (a materialidade da palavra) precede e determina o significado, que permanece sempre descentrado e instável (Lacan, 1985). Essa inversão desloca a psicanálise para o campo da linguagem, já que o inconsciente opera por meio de cadeias significantes, e não de significados latentes.

Essa operação aproxima-se da lógica da Cibernética, na qual o significante circula como uma unidade de informação em um sistema autorregulado, independente da intenção do sujeito (Lacan, 1985). Nesse sentido, o sintoma psicanalítico é equiparado a um signo, cuja decifração exige a análise de suas relações metafóricas e metonímicas. Lacan (1998) retoma a teoria de Jakobson (2013) sobre as funções da linguagem, associando a metáfora ao mecanismo de deslocamento vertical (como na condensação onírica freudiana) e a metonímia ao deslocamento horizontal (próprio ao deslize do desejo). Assim, o inconsciente não é um ‘lugar’ biológico, mas um sistema de relações diferenciais, tal qual a língua em Saussure (2015). Nesse contexto, o tema ‘Convergências Epistemológicas entre Psicanálise e Semiótica: Sistemas, Signos e Cibernética’ propõe-se a explorar as intersecções teóricas entre esses campos, mediadas pela Teoria dos Sistemas e pela Cibernética, que emergem como ferramentas analíticas para compreender a dinâmica dos processos comunicativos e simbólicos.

O problema central desta pesquisa reside na questão: como se configuram as convergências epistemológicas entre Psicanálise e Semiótica, considerando os aportes da Teoria dos Sistemas e da Cibernética na análise de sistemas simbólicos e processos de significação? A lacuna identificada refere-se à necessidade de sistematizar os diálogos entre a Psicanálise Lacaniana e a Semiótica, especialmente em suas relações com noções cibernéticas, como autorregulação e sistemas de comunicação. Jacques Lacan (1998), ao reinterpretar Sigmund Freud (1900/2019) à luz da linguística estrutural de Ferdinand de Saussure (2015) e Roman Jakobson (2013), inaugurou um caminho teórico que aproximou o inconsciente da estrutura linguística. Essa investida não apenas vinculou a clínica psicanalítica à análise dos

---

<sup>3</sup> O Estruturalismo é uma abordagem teórica e metodológica que surgiu na França nas décadas de 1950 e 1960, focada na interpretação cultural a partir da estrutura interna da obra ou fenômeno cultural (Mostafa, 2006).

signos, mas também introduziu conceitos da Cibernética, como *feedback* e sistemas autopoéticos (Maturana; Varela, 1980), para discutir a relação entre sujeito e linguagem.

O objetivo geral deste trabalho é analisar as convergências epistemológicas entre a Psicanálise Lacaniana e a Semiótica, com ênfase nos sistemas simbólicos, dos signos e dos princípios cibernéticos na construção de sentidos. Para isso, delinearam-se objetivos específicos: (1) investigar as bases teóricas que aproximam a Psicanálise de Lacan da linguística estrutural e da Semiótica; (2) explorar as implicações da inserção da Psicanálise no campo da linguagem; e (3) identificar aplicações teóricas dessa convergência em estudos que envolvam análise de sistemas e processos comunicativos complexos, com base na Teoria dos Sistemas e Cibernética.

A justificativa para este estudo apoia-se em quatro pilares. Primeiramente, a Psicanálise, como campo de intersecções múltiplas, oferece um arcabouço teórico para compreender a subjetividade em diálogo com sistemas simbólicos, o que a torna relevante academicamente para áreas como a comunicação, a linguística e as ciências cognitivas (Iannini, 2024). Em segundo lugar, a contribuição de Lacan ao articular Freud com Saussure (2015), Jakobson (2013) e a Cibernética (Bertalanffy, 2014; Wiener, 2020) revela um potencial inexplorado para interpretar fenômenos contemporâneos, como a subjetividade digital e os processos de significação em redes algorítmicas. Ademais, a gênese desta pesquisa reside na inquietação acadêmica suscitada ao longo da graduação, em compreender o que é a teoria psicanalítica, tradicionalmente associada à clínica do sujeito, e sua relação com processos de significação. A motivação para este estudo surge, portanto, do desejo de articular a rigor e a lógica do inconsciente com paradigmas sistêmicos e cibernética. Por fim, a prática clínica psicanalítica, que lida com “textos de sofrimento” (Lacan, 1998), encontra na Semiótica um método para decifrar signos e estruturas discursivas, ampliando suas aplicações para além do *setting* terapêutico.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 METODOLOGIA**

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza teórica e qualitativa (Minayo, 2014), operacionalizado por meio de uma revisão bibliográfica do tipo narrativa. Segundo Rother (2007), essa modalidade de revisão é apropriada para a discussão de

fundamentos teóricos e a análise crítica da literatura, permitindo ao pesquisador uma seleção qualitativa de materiais sem a rigidez dos protocolos de revisões sistemáticas.

Para a constituição do corpus de análise, adotou-se como critério de inclusão a seleção de fontes primárias e obras seminais, privilegiando autores fundadores cujos construtos teóricos são imprescindíveis para a compreensão dos campos investigados. No âmbito da Psicanálise, foram examinadas obras fundamentais, tais como *A Interpretação dos Sonhos* (Freud, 1900/2019), *Escritos* (Lacan, 1998) e *O Seminário, Livro 2* (Lacan, 1985). Na esfera da Semiótica e Linguística, o referencial ancora-se em clássicos estruturantes, incluindo Saussure (2015), Jakobson (2013) e Charles Sanders Peirce (2020). Para a interface com a Teoria dos Sistemas e Cibernética, recorreu-se aos trabalhos basilares de Bertalanffy (2014), Wiener (2020) e Maturana e Varela (1980).

Complementarmente, o levantamento bibliográfico foi enriquecido com artigos científicos selecionados nas bases de dados eletrônicas Google Acadêmico, *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC). Esses materiais foram utilizados para contextualizar a aplicação contemporânea dos conceitos e dialogar com comentadores atuais do tema.

O tratamento dos dados seguiu uma abordagem hermenêutica, método que, conforme Gil (2019), viabiliza não apenas a descrição dos conceitos, mas a interpretação profunda dos significados e a articulação entre saberes distintos. A análise buscou tecer as convergências transdisciplinares necessárias para responder ao problema de pesquisa, correlacionando a estrutura do inconsciente à lógica dos sistemas complexos

## 2.2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.2.1 Semiótica: uma ciência do signo

A Semiótica, enquanto ciência dedicada ao estudo dos signos e dos processos de significação, ocupa um lugar central na investigação das linguagens humanas e suas manifestações culturais. Seu campo epistemológico, consolidado a partir dos trabalhos de Ferdinand de Saussure (1916/2015) e Charles Sanders Peirce (2020), estabelece-se na análise dos sistemas sógnicos, abrangendo desde a comunicação verbal até códigos não verbais, como imagens, gestos e símbolos.

Ademais, para Saussure (1916/2015), a linguagem é um sistema de signos constituído pela relação entre significante (imagem acústica) e significado (conceito), cujo valor emerge de

diferenças estruturais. Essa perspectiva estruturalista, ampliada por Roland Barthes (1985) em sua análise dos mitos contemporâneos, permitiu à Semiótica transcender o verbal, investigando práticas culturais como sistemas de significação. Já Peirce (2020) propõe uma abordagem triádica do signo, definindo-o como uma relação entre *representamen* (forma do signo), objeto (aquilo a que o signo se refere) e interpretante (efeito do signo no intérprete). Essa dinâmica processual destaca a natureza interpretativa e infinita da semiose, em que todo signo gera novos signos em cadeia.

Por fim, a escola semiótica de linha greimasiana, por sua vez, desenvolve uma teoria narrativa e discursiva, enfatizando a organização dos conteúdos em estruturas profundas e superficiais (Greimas; Courtés, 2008). Nesse viés, a Semiótica não se restringe à descrição de códigos, mas busca desvendar as lógicas de produção de sentido, articulando níveis sintáticos, semânticos e pragmáticos. Tal abordagem dialoga diretamente com a Psicanálise, que igualmente investiga estratos latentes de significação, como destacam os estudos de Jacques Lacan (1998) sobre o inconsciente estruturado como linguagem.

### **2.2.2 Psicanálise e semiótica: diálogos teóricos e convergências epistemológicas**

A intersecção entre psicanálise e semiótica não se limita à reformulação lacaniana do inconsciente como estrutura linguística. Diversos autores, tanto psicanalíticos quanto semioticistas, exploraram as imbricações entre esses campos, destacando como a subjetividade e a cultura são moldadas por sistemas de significação. Desse modo, é preciso elucidar contribuições fundamentais de pensadores como Julia Kristeva, Charles Sanders Peirce e Jacques Derrida evidenciando as semelhanças epistemológicas entre psicanálise e semiótica.

#### **2.2.2.1 Lacan e a linguística**

Pode-se inferir que Jacques Lacan operou uma transformação significativa na psicanálise ao integrar conceitos da linguística em sua teoria, tornando o inconsciente estruturalmente análogo à linguagem. No início, ao se apoiar nos estudos freudianos sobre sonhos, chistes e atos falhos, como abordado em *A Interpretação dos Sonhos* (Freud, 1900/2019), Lacan (1998) destacou a importância da linguagem como uma via de acesso ao inconsciente. Consequentemente, essa percepção levou Lacan (1998) a buscar inspiração na linguística, especialmente na obra de Ferdinand de Saussure, *Curso de Linguística Geral* (1916/2015), para formalizar a estrutura do inconsciente. Assim, Lacan (1998) adapta a díade

de Saussure, significante/significado, e dá prioridade ao significante na dinâmica do inconsciente. Para ele, o significante não está fixado em um significado específico, mas funciona representando o sujeito para outro significante, dentro de uma cadeia fluida que reflete a natureza dinâmica e mutável do inconsciente freudiano.

A influência da linguística em Lacan (1998) torna-se ainda mais profunda com a incorporação dos conceitos de metáfora e metonímia de Roman Jakobson. Como Jakobson discute em "Dois Aspectos da Linguagem e Dois Tipos de Afasia" (Jakobson, 2013), esses mecanismos retóricos, comuns na poesia e na linguagem diária, também operam no inconsciente. Lacan (1998) identifica uma semelhança com os processos de condensação e deslocamento dos sonhos e sintomas em Freud, reforçando a tese de que o inconsciente opera por meio das leis da linguagem. No entanto, Lacan não se limita a simplesmente aplicar conceitos linguísticos à psicanálise; ele reinterpreta e subverte esses conceitos, advogando por uma especificidade que ele denomina "*linguisteria*", um conceito destacado em O Seminário, Livro 20: Mais, Ainda (Lacan, 1985), para marcar a distinção da psicanálise em relação à linguística. Com isso, Lacan (1985) forja o termo *linguisteria* para nomear seu campo, distinguindo-o da linguística como ciência, ainda que tanto ela quanto a psicanálise se utilizem do mesmo material, pois, embora Lacan tenha se valido da linguística estrutural (de Ferdinand de Saussure) para formalizar a tese de que "o inconsciente é estruturado como uma linguagem", a linguística como ciência (moderna) constituiu-se excluindo o que é crucial para a psicanálise: O objeto a.

Para Lacan (1998), o significante torna-se central na constituição do sujeito e na manifestação do inconsciente, distinguindo-se da abordagem linguística saussuriana que prioriza o significado. O inconsciente, segundo Lacan (1998), manifesta-se através das leis da linguagem, especialmente nas falhas e tropeços da fala, fazendo da linguagem não apenas um veículo de comunicação, mas a própria estrutura formadora do sujeito. Esta perspectiva é desenvolvida em profundidade no texto "A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud" (Lacan, 1998), onde Lacan abordou uma de suas principais retomadas a Freud, o fato de que o inconsciente se demonstra na linguagem. Além disso, Lacan (1998) também estabelece paralelos entre os mecanismos do inconsciente (Condensação e Deslocamento), com figuras de linguagem (Metáfora e Metonímia). Portanto, a concepção de Lacan (1998), que articula uma associação intrínseca entre psicanálise e linguística, ofereceu novas vias para entender e abordar os processos inconscientes.

#### 2.2.2.2 Julia Kristeva: o semiótico e o simbólico

Julia Kristeva, em *A Revolução da Linguagem Poética* (2006), propõe uma teoria que integra psicanálise e semiótica ao distinguir o semiótico e o simbólico. Assim, o semiótico refere-se a pulsões pré-linguísticas, ritmos e afetos vinculados ao corpo materno, presente em uma fase humana primitiva, denomina de “a chora”. Já o simbólico corresponde à ordem linguística e social, estruturada pela Lei do Pai. Em outras palavras, o registro semiótico são comunicações que antecedem a fala e transmitem emoções e afetos, como o choro do bebê, o grunhido e o ato de cantarolar, enquanto o simbólico é marcado pela inscrição da linguagem e da ordem, que por sua vez permitem a articulação da fala (Kristeva, 2006). Para Kristeva, a arte e a literatura são espaços onde o semiótico irrompe no simbólico, subvertendo códigos estabelecidos, processo análogo ao retorno do recalcado em Freud (Kristeva, 2006). Essa dualidade ecoa a divisão lacaniana entre Real, Simbólico e Imaginário, mas também dialoga com a semiótica ao tratar a linguagem como campo de tensão entre ordem e transgressão.

### 2.2.3.3 Charles Sanders Peirce e a semiose do desejo

A semiótica peirceana, baseada na tríade signo-objeto-interpretante, oferece um paralelo à teoria lacaniana do desejo. Para Peirce (2020), o significado nunca se esgota, pois, cada interpretante gera novos signos em um processo infinito (semiose ilimitada). Lacan, ao descrever o desejo como "desejo do Outro" e como movimento metonímico em busca de um objeto sempre perdido (*objet petit a*), aproxima-se dessa concepção dinâmica (Lacan, 1998). Ambos os autores reconhecem que a significação é um processo em fluxo, marcado por falhas e deslocamentos, questionando a ilusão de sentido pleno.

Nesse ínterim, é fundamental compreender a tríade basilar de Peirce (2020): o *Representamen* (a forma que o signo assume, como uma palavra ou imagem), o Objeto (aquilo a que o signo se refere, seja algo físico, uma ideia ou um sentimento) e o Interpretante (o efeito que o signo produz na mente de quem o percebe, sendo ele próprio um novo signo). Esse Interpretante, por sua vez, torna-se um novo *representamen* que remete a outro objeto e gera um novo interpretante, e assim sucessivamente. Esta cadeia incessante de interpretação e reinterpretação significa que o significado não é uma entidade estática ou um fim em si, mas um processo contínuo que nunca alcança um ponto final definitivo (Peirce, 2020). A verdade ou o sentido não são apreendidos de uma vez por todas, mas são sempre pontos provisórios em uma jornada incessante de significação, sempre aberta a novas camadas e nuances (Peirce, 2020).

Essa noção peirceana de semiose ilimitada encontra uma notável ressonância na concepção lacaniana do desejo. Lacan (1998) postula o desejo como o "desejo do Outro", o que implica que o que desejamos é sempre mediado, constituído e direcionado pelo que imaginamos ser o desejo do outro sobre nós, ou pelos significantes do Outro que nos interpelam. Consequentemente, o desejo não pode ser diretamente satisfeito por nenhum objeto real ou material, pois ele é inerentemente metonímico. Ele se move de um objeto para outro em uma cadeia de substituições que nunca alcança um alvo final ou uma satisfação plena e duradoura. O *objet petit a*, introduzido por Lacan (1985), é precisamente esse objeto-causa do desejo que, por sua própria natureza de ser perdido ou inatingível, mantém o desejo em um estado de perpétua insatisfação e movimento. Assim como o interpretante de Peirce que nunca esgota o significado do signo, o *objet petit a* nunca se deixa apreender, perpetuando a busca do sujeito.

Portanto, tanto para Peirce (2020) quanto para Lacan (1998), a busca por um sentido pleno ou uma satisfação definitiva é uma ilusão que se desfaz diante da natureza processual da significação e do desejo. A falha, o deslocamento e a incompletude não são meras anomalias, mas características intrínsecas desses processos. A semiótica peirceana nos oferece um modelo da mente em ação, sempre interpretando e gerando novos signos, enquanto a psicanálise lacaniana nos revela um sujeito constituído por essa mesma falta e pela incessante metonímia de um desejo que jamais se fixa. Essa convergência epistemológica ilumina a complexidade da condição humana, onde a linguagem e o desejo atuam como motores de uma incessante produção de sentidos e de uma busca que, por sua própria estrutura, é interminável (Peirce, 2020; Lacan, 1998).

#### **2.2.4 Teoria dos sistemas e cibernética**

A Teoria dos Sistemas e a Cibernética são abordagens interdisciplinares que redefiniram a análise de fenômenos complexos em áreas como biologia, engenharia, administração e ciências sociais. Ambas surgiram no século XX como alternativas ao reducionismo científico, propondo uma visão integrada de sistemas dinâmicos e suas interações (Bertalanffy, 2014; Wiener, 2020).

Desse modo, a Teoria dos Sistemas, desenvolvida por Ludwig von Bertalanffy na década de 1930, define um sistema como um conjunto de elementos inter-relacionados que formam uma totalidade coesa, cujas propriedades emergentes transcendem a soma de suas partes (Bertalanffy, 2014). Segundo o autor, conceitos como interdependência, homeostase (equilíbrio dinâmico) e abertura ao ambiente são centrais para compreender sistemas físicos,

biológicos ou sociais. Bertalanffy também destacou a existência de hierarquias sistêmicas, nas quais sistemas maiores integram subsistemas, formando redes complexas com entradas (*inputs*), processos, saídas (*outputs*) e mecanismos de retroalimentação (*feedback*) (Bertalanffy, 2014).

Entretanto, a Cibernética, proposta por Norbert Wiener em 1948, concentra-se nos processos de controle, comunicação e autorregulação em sistemas adaptativos. Seu principal aporte é a análise de circuitos de retroalimentação (*feedback loops*), que permitem a sistemas ajustarem seu comportamento para alcançar objetivos específicos (Wiener, 2020). Wiener introduziu termos como entropia (medida de desordem) e homeostase dinâmica, explicando como sistemas mantêm estabilidade frente a perturbações. Posteriormente, Heinz von Foerster ampliou a teoria ao diferenciar cibernética de primeira ordem (observação externa de sistemas) e cibernética de segunda ordem (incluindo o observador como parte do sistema), abrindo espaço para estudos sobre autopoiese (autocriação) e autorregulação (Fonseca, 2008; Maturana; Varela, 1980).

Portanto, a intersecção entre as duas teorias reside na ênfase à complexidade e à interatividade. Enquanto a Teoria dos Sistemas descreve a organização e as relações entre componentes, a Cibernética oferece ferramentas para analisar sua regulação. Por exemplo, em ecossistemas, a primeira explica as conexões entre espécies, enquanto a segunda descreve como *feedback loops* (como ciclos predador-presa) mantêm equilíbrio (Bertalanffy, 2014; Wiener, 2020).

Ademais, na contemporaneidade, esses princípios aplicam-se a campos como gestão organizacional (sistemas de decisão baseados em *feedback*), inteligência artificial (redes neurais autorreguláveis) e sustentabilidade (modelagem de ecossistemas) (Fonseca, 2008). A era digital também ampliou a Cibernética, com sistemas ciberfísicos e algoritmos adaptativos que replicam processos orgânicos de aprendizagem (Wiener, 2020). Assim, a Teoria dos Sistemas e a Cibernética fornecem bases teóricas para compreender a complexidade do mundo moderno. Seus conceitos reforçam que sistemas, naturais ou artificiais, operam como redes dinâmicas, dependentes de comunicação, adaptação e interdependência para sua evolução (Maturana; Varela, 1980).

### **2.2.5 Lacan, sentido, significante e semiose**

Jacques Lacan, em sua releitura radical da psicanálise freudiana, forjou uma convergência epistemológica profunda com a linguística, afirmando que o inconsciente é

estruturado como uma linguagem. Essa máxima não é uma simples metáfora, mas a base de uma teoria que ressignifica o sujeito e a clínica. Para construir essa ponte, Lacan se apropria e, crucialmente, subverte conceitos-chave da linguística estrutural de sua época, notadamente as contribuições de Ferdinand de Saussure e Roman Jakobson, e encontra ressonâncias na semiótica de Charles Sanders Peirce.

Nesse sentido, a relação com Ferdinand de Saussure é o ponto de partida de Lacan. Saussure (2015) concebeu o signo linguístico como uma união arbitrária entre um significante (a imagem acústica, a forma sonora ou gráfica da palavra) e um significado (o conceito, a ideia que essa forma evoca). Lacan (1998), no entanto, opera uma inversão fundamental nessa díade. Para ele, o significante ganha primazia: ele não está a serviço do significado, mas sim o precede e o determina. O inconsciente, em sua visão, é uma rede de significantes em constante deslizamento, onde um significante representa o sujeito para outro significante, e não para um significado fixo. Desse modo, o significado é sempre instável, escorregadio, nunca totalmente apreendido. Essa subversão implica que o inconsciente "fala" através da materialidade da palavra, dos lapsos, dos chistes e dos sintomas, que são formações significantes esperando por decifração. Por exemplo, em um ato falho (Freud, 1900/2019), o que emerge não é um significado direto, mas um significante que desvela uma rede de associações inconscientes, apontando para um significado que está sempre adiado e em fuga.

Diante desse cenário, a influência de Roman Jakobson é igualmente central para Lacan, especialmente a distinção entre os dois eixos da linguagem: o da seleção (metáfora) e o da combinação (metonímia) (Jakobson, 2013). Lacan retoma esses mecanismos retóricos e os equipara aos processos fundamentais do inconsciente freudiano: a condensação e o deslocamento. A metáfora (substituição de um significante por outro) atua como a condensação onírica, onde múltiplos significados se acumulam em uma única imagem ou palavra no sonho. Por exemplo, um sonho em que uma figura de autoridade aparece com traços de várias pessoas importantes na vida do sonhador demonstra a condensação metafórica, onde um significante substitui e sintetiza outros. Já a metonímia (relação de contiguidade, deslize de um significante para outro) corresponde ao deslocamento freudiano, onde a carga afetiva de uma ideia se transfere para outra a ela associada. Um sintoma como a fobia de alturas pode ser metonímico, deslocando uma angústia original (talvez relacionada à queda de prestígio ou desilusão) para um objeto contíguo e mais tolerável, mas não menos paralisante. Nesses exemplos, o inconsciente opera como um poeta, valendo-se dessas figuras de linguagem para se expressar, mas de forma cifrada.

Por fim, embora Charles Sanders Peirce não seja um linguista estrutural como Saussure e Jakobson, sua concepção de semiose ilimitada encontra um notável paralelo na teoria lacaniana do desejo e da cadeia significante. Para Peirce (2020), um signo nunca tem um significado final e completo; ele gera um novo signo, o interpretante, que por sua vez se torna um signo para outro interpretante, em uma cadeia infinita de significação. Essa ideia de que o significado está sempre em processo, nunca fixo, ecoa a própria natureza escorregadia do significado em Lacan (1998), onde o desejo humano, sendo o desejo do Outro, nunca encontra um objeto de satisfação plena, mas desliza incessantemente de um objeto (ou significante) para outro. Com isso, a busca constante de satisfação no sujeito, que nunca se completa porque o "objeto" está sempre em falta, reflete essa *semiosis* infinita do desejo, impulsionada pela cadeia significante. Assim, seja na clínica (na fala do analisando, na interpretação dos sonhos) ou na própria constituição do sujeito, a psicanálise lacaniana se revela uma ciência profundamente enraizada na linguagem, compreendendo o inconsciente como um campo de significantes em perpétuo movimento e produção de sentido, jamais fixo.

#### **2.2.6 Clínica, texto e subjetividade**

A inserção da Psicanálise no campo da linguagem, catalisada pela releitura lacaniana de Freud, não é uma mera formalidade teórica; ela acarreta profundas implicações que redefinem a compreensão da subjetividade, a natureza do sintoma e a própria prática clínica. Assim, essa virada linguística move a psicanálise para um terreno onde o inconsciente não é um mero depósito de conteúdos recalçados, mas uma estrutura dinâmica que opera segundo as leis da linguagem.

Nessa perspectiva, as repercussões clínicas dessa virada são imediatas e transformadoras. Pois, se o inconsciente é estruturado como uma linguagem, a fala do analisando se torna o terreno privilegiado da intervenção analítica. Não se trata apenas de ouvir o conteúdo manifesto, mas de decifrar a cadeia de significantes que se desenrola no discurso do paciente. Logo, O analista busca as repetições, as hesitações, os lapsos, os chistes e os sonhos, não como meros desvios da comunicação, mas como formações do inconsciente que revelam sua lógica interna. Desse modo, a análise se concentra na função da metáfora (condensação) e da metonímia (deslocamento) no discurso do analisando, desvendando como os significantes se ligam e se substituem para produzir sentido e sofrimento. A cura, nesse contexto, não é apenas o alívio de um sintoma, mas a (re)inscrição de significantes, a reconfiguração da cadeia discursiva do sujeito, permitindo-lhe habitar sua palavra de forma diferente.

Portanto, a subjetividade é radicalmente repensada sob essa ótica. O sujeito lacaniano não é um eu centrado e autônomo, mas um sujeito do significante, forjado e dividido pela linguagem. Ao nascer na linguagem, o indivíduo é interpelado pelos significantes do Outro (a cultura, a família, a língua materna), que o alienam de uma suposta plenitude pré-linguística. Essa alienação é constitutiva: somos seres de linguagem e, por isso, seres marcados pela falta. O desejo, para Lacan, surge dessa falta inerente à estrutura do sujeito na linguagem, sendo metonímico, sempre deslizando e nunca alcançando um objeto definitivo (Lacan, 1985). A separação desse Outro primordial é um processo contínuo que nunca se completa totalmente, deixando o sujeito em um estado de divisão irreduzível, sempre em busca de uma palavra que o represente plenamente, mas que, paradoxalmente, sempre o falha.

Nesse arcabouço, o sintoma emerge como um signo, uma "mensagem" cifrada do inconsciente, um "texto de sofrimento" que exige ser lido e interpretado (Lacan, 1998). Ele é a expressão de um significante que não pôde se inscrever plenamente na cadeia simbólica do sujeito, manifestando-se no corpo, no comportamento ou no pensamento como uma falha que insiste em ser dita. A psicanálise, portanto, atua como uma hermenêutica do sofrimento, buscando desvendar a lógica significante subjacente ao sintoma, permitindo que o sujeito dê um novo sentido ao que antes parecia ilógico e opressor.

Essa exploração das implicações da linguagem na psicanálise dialoga intensamente com outras abordagens semióticas e filosóficas. Julia Kristeva, por exemplo, em *A Revolução da Linguagem Poética* (2006), enriquece essa discussão ao distinguir o semiótico do simbólico. O semiótico refere-se à dimensão pré-linguística, às pulsões, ritmos e afetos vinculados ao corpo materno, a "chora", que resistem à formalização da linguagem. O simbólico, por sua vez, corresponde à ordem linguística e social, estruturada pela Lei do Pai. Para Kristeva, a arte e a literatura são espaços onde o semiótico irrompe no simbólico, subvertendo códigos estabelecidos, um processo análogo ao retorno do recaiado freudiano. Essa dualidade kristeviana ecoa a divisão lacaniana entre Real (o indizível, o traumático que escapa à simbolização), Simbólico (a ordem da linguagem e da Lei) e Imaginário (a dimensão das imagens e das identificações). Kristeva expande a compreensão da linguagem como um campo de tensão entre ordem e transgressão, onde o pulsional e o pré-verbal continuamente tensionam as estruturas simbólicas, abrindo espaço para a criatividade e a patologia.

Portanto, a inserção da psicanálise no campo da linguagem, longe de ser um mero exercício teórico, revela as raízes linguísticas da subjetividade humana, a natureza comunicativa do sintoma e a dinâmica da clínica. Ao reconhecer o sujeito como efeito da linguagem e o inconsciente como sua estrutura, Lacan abriu as portas para um diálogo profícuo

com a linguística e a semiótica, enriquecendo o instrumental analítico e a compreensão das complexas tramas de sentido que nos constituem.

### 2.2.7 Psicanálise, sistemas e redes

A intersecção entre Psicanálise e Semiótica, aprofundada pela lente da Teoria dos Sistemas e da Cibernética, revela um campo fértil para a análise de fenômenos complexos, tanto na esfera intrapsíquica quanto nos processos comunicativos mais amplos. É nesse ponto que a estrutura teórica elaborada até agora encontra suas aplicações mais instigantes, propondo um instrumental analítico capaz de decifrar a dinâmica dos sistemas simbólicos e dos processos de significação.

Ao pensar o inconsciente lacaniano como um sistema complexo, os conceitos cibernéticos de homeostase, *feedback* e autorregulação oferecem uma metáfora poderosa para sua dinâmica. A insistência de um sintoma, por exemplo, pode ser vista como uma tentativa homeostática do sistema psíquico de manter um equilíbrio, ainda que patológico, diante de uma contradição ou de uma falta estruturante que não pôde ser simbolizada de outra forma. O sintoma, nesse sentido, é uma solução (compromisso) que o sistema encontra para estabilizar-se. O processo analítico, por sua vez, atua como um *feedback* que perturba essa homeostase. As intervenções do analista, sejam pontuações, cortes ou interpretações, funcionam como informações que são reintroduzidas no sistema discursivo do analisando, visando desestabilizar as cadeias significantes cristalizadas e impulsionar uma nova autorregulação. A mudança terapêutica ocorreria quando o sistema (o inconsciente do sujeito) é capaz de se reorganizar, produzindo novas cadeias significantes e, conseqüentemente, novas formas de experienciar e significar. O inconsciente, ao se estruturar como uma linguagem, demonstra uma capacidade intrínseca de autogoverno e adaptação através da contínua reconfiguração de suas redes significantes.

Sob essa ótica, a práxis analítica aproxima-se epistemologicamente do que se convencionou chamar de 'Ciência da Caixa Preta' (*Black Box*), conceito explorado tanto na cibernética quanto na sociologia da ciência de Bruno Latour (2000). Assim como na engenharia de sistemas, onde o funcionamento interno de um mecanismo pode ser inacessível ou opaco, o inconsciente não requer uma exploração anatômica para ter sua lógica mapeada; ele é validado por sua operatividade funcional. O sujeito é tomado, metodologicamente, como uma caixa preta cujos processos internos são inferidos a partir da observação rigorosa das correlações entre as entradas (*inputs*), a lei simbólica, o trauma, a linguagem, e as saídas (*outputs*), o lapsos, o chiste,

o sintoma. O analista, portanto, não atua como um cirurgião que busca a materialidade do órgão, mas como um operador lógico que modula os *inputs* interpretativos para investigar a estrutura da caixa: a intervenção visa perturbar a opacidade do sistema, forçando-o a revelar, através de seus ruídos e falhas de output, os 'algoritmos' ocultos de gozo que regem a repetição.

Indo além da clínica, a estrutura teórica que integra psicanálise, semiótica e cibernética oferece uma lente analítica para fenômenos contemporâneos, como a subjetividade digital e os processos de significação em redes algorítmicas. As plataformas digitais e as redes sociais podem ser compreendidas como vastos sistemas de significantes, onde a identidade do sujeito (seu perfil, seus posts, suas interações) é construída e constantemente reconfigurada através de cadeias significantes digitais. Os algoritmos, por sua vez, operam como complexos sistemas de controle e comunicação, que, ao analisar os padrões de comportamento do usuário (seus cliques, curtidas, buscas), replicam e reforçam certos padrões de "leitura" do sujeito e de formação de 'sentido' online. A 'bolha de filtro' e a 'câmara de eco' algorítmicas são exemplos de sistemas que operam com *feedback*, autorregulando o que é apresentado ao usuário, potencializando a condensação (metáfora) de informações afins e o deslocamento (metonímia) de narrativas divergentes, emulando mecanismos inconscientes de repetição e exclusão. A análise crítica dessas redes pode, assim, beneficiar-se de uma compreensão do impacto dessas estruturas significantes digitais na constituição do sujeito contemporâneo.

Por fim, a ideia de Autopoiese, desenvolvida por Humberto Maturana e Francisco Varela (1980), oferece uma perspectiva profunda para pensar a psique e o processo analítico. Um sistema autopoietico é aquele que se autoproduz e se autorregula, mantendo sua organização e identidade apesar das perturbações externas. A psique, em sua dimensão lacaniana, pode ser vista como um sistema autopoético que se constitui e se mantém através da produção contínua de significantes. A formação do sujeito é um processo autopoético contínuo, onde novas experiências (novos significantes) são integradas à rede existente, e a identidade é constantemente (re)construída na interação com o Outro e com o campo simbólico. O processo analítico, nesse sentido, não impõe uma nova estrutura ao sujeito, mas atua como uma perturbação que permite ao sistema psíquico, em sua capacidade autopoética, reconfigurar-se. As interpretações do analista desestabilizam a rede significante existente, criando as condições para que o próprio sujeito, a partir de sua dinâmica interna, produza novas articulações e ressignificações, alcançando uma autopoiese mais flexível e menos sintomática.

Portanto, essa integração entre psicanálise, semiótica, teoria dos sistemas e cibernética oferece um modelo robusto para entender a complexidade da subjetividade e da comunicação, não apenas na clínica, mas também em fenômenos culturais e tecnológicos emergentes.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, a presente pesquisa dedicou-se a investigar as convergências epistemológicas entre a Psicanálise e a Semiótica, mediadas pelos aportes da Teoria dos Sistemas e da Cibernética. Ao longo do percurso investigativo, buscou-se demonstrar que a máxima lacaniana de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem não é apenas uma metáfora clínica, mas o fundamento para uma abordagem sistêmica da subjetividade.

Retomando os objetivos propostos, conclui-se que o primeiro objetivo específico: Investigar as bases teóricas que aproximam a Psicanálise de Lacan da linguística estrutural e da Semiótica foi plenamente atingido. A análise demonstrou como Lacan, ao subverter o signo saussuriano e priorizar o significante, e ao apropriar-se das funções de metáfora e metonímia de Jakobson, estabeleceu a materialidade da linguagem como o *locus* do inconsciente. Ademais, o diálogo estabelecido com a semiose ilimitada de Peirce e a distinção entre semiótico e simbólico em Kristeva evidenciou que a produção de sentido é um processo dinâmico, infinito e sujeito a falhas, análogo ao movimento do desejo.

Ademais, o segundo objetivo específico: Explorar as implicações da inserção da Psicanálise no campo da linguagem foi alcançado ao se reposicionar a clínica como uma prática de leitura e interpretação. Ficou evidente que o sintoma não é um desvio biológico, mas um signo ou texto de sofrimento, que denuncia uma falha na simbolização. A pesquisa elucidou que a subjetividade é um efeito de linguagem, onde o sujeito é, constitutivamente, um sujeito dividido pelo significante e apartado de uma plenitude original pela Lei do Pai. Outrossim, cabe destacar que Lacan rompe com a ideia da psicanálise ser uma ciência da linguagem, ressaltando seu caráter diferencial, o que me causou certa inquietação quando me deparei com isso; afinal, como demonstrado no trabalho, a psicanálise tem profunda interface e contribuição na decifração de significados e significantes.

Quanto ao terceiro objetivo específico: Identificar aplicações teóricas dessa convergência em sistemas comunicativos complexos com base na Teoria dos Sistemas e Cibernética, a pesquisa atingiu seu ponto de maior complexidade. A articulação do inconsciente com conceitos de homeostase, *feedback* e autopoiese permitiu modelar o aparelho psíquico como um sistema que busca autorregulação. A introdução do conceito de Ciência da Caixa Preta (*Black Box*), referenciado em Bruno Latour, mostrou-se fundamental para validar epistemologicamente a psicanálise: o inconsciente é uma caixa preta cuja lógica interna

(algoritmos de gozo) é inferida funcionalmente através da análise dos *inputs* (discurso, intervenções) e *outputs* (sintomas, atos falhos).

Diante do exposto, é possível afirmar que o problema de pesquisa foi respondido afirmativamente. As convergências epistemológicas entre Psicanálise e Semiótica configuram-se através de uma homologia estrutural: ambas operam sobre a lógica de que não há acesso direto ao Real, sendo a realidade humana mediada por sistemas de signos. A Teoria dos Sistemas e a Cibernética atuaram como o elo integrador, fornecendo o vocabulário necessário para descrever a dinâmica energética e informacional dessas estruturas.

Desse modo, o objetivo geral foi, portanto, concretizado. A análise não apenas mapeou as intersecções teóricas, mas demonstrou sua aplicabilidade na compreensão de fenômenos contemporâneos. A correlação estabelecida entre a lógica do inconsciente e os algoritmos digitais, compreendidos como sistemas de controle que emulam mecanismos de repetição e exclusão (bolhas de filtro), aponta para a relevância atualíssima dessa abordagem transdisciplinar.

Não obstante, esta articulação teórica não encerra o debate, mas inaugura novas frentes de investigação, especialmente no que tange ao estatuto epistemológico da psicanálise. Se a cibernética busca leis gerais de controle e comunicação, como sustentar a ética da psicanálise que, conforme Lacan (1986) adverte já no Seminário 1, se constitui como uma 'ciência do particular'? Aprofundar essa tensão paradoxal, entre a modelagem sistêmica e a irredutibilidade da singularidade subjetiva, apresenta-se como um desafio urgente. Futuras pesquisas poderão indagar: de que modo a 'ciência do particular' pode sobreviver e operar criticamente em uma era dominada pela universalidade algorítmica e pela predição de comportamentos? Fica aberto, assim, o convite para explorar como a psicanálise pode não apenas dialogar com as ciências contemporâneas, mas também subverter sua lógica, preservando o lugar da exceção e do sujeito diante da totalidade dos sistemas.

Conclui-se, portanto, que a integração entre Psicanálise, Semiótica e Cibernética oferece um modelo robusto para a psicologia contemporânea. Este modelo permite superar dicotomias reducionistas, entendendo o ser humano como um sistema autopoietico imerso em redes de linguagem. A clínica, sob essa ótica, reafirma-se como um processo cibernético de segunda ordem, onde a perturbação calculada do analista visa reconfigurar as redes significantes do sujeito, possibilitando novas formas de ser e de significar no mundo.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, R. **Mitologias**. São Paulo: Difel, 1985.

BERTALANFFY, L. V. **Teoria geral dos sistemas: fundamentos, desenvolvimento e aplicações**. 8 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014

FONSECA, D. F. **Autopoiesis: Uma Introdução as Ideias de Maturana e Varela**. 1. ed. Curitiba: Createspace Independent Publishing Platform, 2008.

FREUD, S. **Freud (1900) Obras completas volume 4: A interpretação dos sonhos**. Tradução de Paulo César de Souza. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.

IANNINI, G. **Freud no século XXI: O que é psicanálise?**. Vol. 1. Belo Horizonte: Autêntica, 2024.

JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**. 22 ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

KRISTEVA, J. **A revolução da linguagem poética**. São Paulo: Editora 34, 2006

LACAN, J. **Escritos**. 1 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. **O Seminário, livro 2: O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Tradução: Marie-Christine Laznik. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, J. **O Seminário, Livro 20: Mais, Ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, J. **O Seminário, Livro III: As Psicoses**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, J. **O Seminário, Livro XI: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LATOURETTE, B. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. Tradução: Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MATURANA, H. R.; VARELA, F. J. **Autopoiesis and Cognition: The Realization of the Living**. Dordrecht: D. Reidel Publishing, 1980. Disponível em: [https://monoskop.org/images/3/35/Maturana\\_Humberto\\_Varela\\_Francisco\\_Autopoiesis\\_and\\_Cognition\\_The\\_Realization\\_of\\_the\\_Living.pdf](https://monoskop.org/images/3/35/Maturana_Humberto_Varela_Francisco_Autopoiesis_and_Cognition_The_Realization_of_the_Living.pdf). Acesso em: 04 nov. 2025.

MINAYO, M. C.S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 34 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MOSTAFA, S. P. A força do estruturalismo francês na análise dos produtos culturais. **Educação Unisinos**, v. 10, n. 3, p. 237-242, set./dez. 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4496/449644424009.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2025.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2020.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 20, n. 2, p. 5-6, 2007. Disponível em: <https://acta-ape.org/en/article/systematic-literature-review-x-narrative-review/>. Acesso em: 16 jun. 2025.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 28 ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

WIENER, N. **Cibernética**: ou controle e comunicação no animal e na máquina. 1 ed. São Paulo: Perspectiva, 2020.